

A CASA DO "BRASILEIRO" - METÁFORA LITERÁRIA

«Discretamente escondidas na verdura das áleas, ali estavam eles, os heráldicos solares, onde padeciam de amor as donzelas gentis; os graníticos conventos que, ao serviço dos interesses da família, lhes mirraram os corpos formosos; e, à beira da estrada, símbolos de um século novo, as casas dos brasileiros! daquela, por exemplo, à saída de Amares, um cubo de alvenaria com enfeites de ripa e latão, ladeado por um miradoiro inútil em forma de pagode chinês, dir-se-ia que vai sair agora, de chinelo bordado e meia branca, o vulto bovídeo de um comendador.»

(Mário Braga, As ideias e a vida)

«Gizara o argentino velhaco levar consigo a mana Felícia para o Porto, onde mandaria edificar um palacete de azulejo cor de gema de ovo, com terraço no tecto para quatro estátuas simbólicas das estações do ano, e dous cães de bronze, sobre as ombreias do portão de ferro, com armas fundidas, de saliências arrogantes, entre os dois colossos de dentaduras anavalhadas, minazes, como todos os bichos da heráldica. Depois que desistira da igreja em Montalegre, trabalhava-o esta ideia que o abade, o maganão, achava arrojada, bonita; mas, em vez das figuras das quatro estações, lembra-lhe que seria mais útil aos bons costumes pôr no beiral do telhado os sete pecados mortais».

(Camilo Castelo-Branco, Eusébio Macário)

«Andamos, pois, mil passos na quebrada da ramalhosa encosta, nos sai de rosto uma casa de dois sobrados, caiada, azulejada, com suas colunas pintadas de verde e como de papelão grudado à parede, com as bases amarelas e os vértices escarlates.

Vão-se os olhos naquilo! Esta maravilha arquitectónica devem-na as artes ao gosto e génio pinturesco de um rico mercador que veio das luxuriantes selvas do Amazonas, com todas as cofres que lá viu de memória, e todas aqui fez reproduzir sob o inspirado pincel de trolha, o qual se havia ensaiado num S. Miguel de retábulo de alminhas com uma fortuna digna de Itália»

(Camilo Castelo-Branco, O Senhor de Paço de Ninães)

«Veio edificar uma casa no sítio em que nascera, uma casa grande, de cantaria e azulejo, com três andares e varandas, jardim com estátuas de louça e alegretes pintados de verde e amarelo, o qual jardim tinha mais fama, naquelas aldeias vizinhas, do que os jardins suspensos de Babilónia»

(Júlio Dinis, A Morgadinha dos Canaviais)

«Porém desde que comprara a quinta ao pai, o brasileiro ruminava o plano de fazer construir uma casa - o belo palacete com portões de ferro ao lado, mirante,

platibanda de granito e mastro no quintal para içar bandeira aos domingos e outros dias festivos»

(Luís Magalhães)

A arquitectura do «Brasileiro» gravita em torno de formas sincréticas. Desta forma, os Trópicos se fazem presentes na arquitectura de Portugal, assim como a louça da Índia, nos séculos anteriores, impregnou de asiatisms a louça coimbrã ou portuense. Toda uma lição viva de contactos culturais, emerge, portanto, dessas vivendas (...), em que se aninham os portugueses de torna-viagem»

(Guilhermino Cesar)